

O diálogo da extensão e da pesquisa: algumas possibilidades para pensar a educação na cultura da mídia¹

Saraí Schmidt²

Alisson Brum³

Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS

Resumo

O artigo tem como foco a análise de duas experiências sobre o uso da mídia e da fotografia no campo da Educação desenvolvidas por meio de um projeto de extensão universitário integrado a uma pesquisa acadêmica. As análises apontam que levar a discussão da cultura das imagens associada à cultura do consumo para a escola, mostrou-se uma estratégia produtiva para discutir a cultura midiática com alunos da rede pública e um método eficaz para o processo de construção do conhecimento. Neste período contemporâneo é preciso também compreender a mídia como aliada para uma nova compreensão, percebendo-a como um espaço de educação, criando temas escolares, produzindo subjetividades e identidades.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; mídia; comunicação; consumo; educação

Introdução

Este artigo integra uma pesquisa onde investigamos a relação mídia, educação e cultura do consumo⁴. O objetivo com este estudo é compartilhar com as/es pesquisadoras/es do GT Comunicação e Educação as análises desenvolvidas especialmente acerca da discussão da fotografia como ferramenta ou estratégia pedagógica para o processo de construção do conhecimento. O artigo terá como foco a análise de duas experiências sobre o uso da fotografia e da mídia no campo da Educação desenvolvidas por meio de um projeto de extensão universitário integrado a uma pesquisa acadêmica. A proposta é ampliar o olhar para as imagens que constituem a mídia e o cenário do cotidiano do bairro da escola. Inserir

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Docente dos Programas de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais e Inclusão Social e Diversidade Cultural e do Curso de Comunicação Social, da Universidade Feevale saraischmidt@feevale.br

³ Acadêmico de Publicidade e Propaganda da Universidade Feevale alissombriu@feevale.br

⁴ Pesquisa conta com o financiamento da FAPERGS - Fundação do Amparo a Pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul.

a fotografia no campo da Educação mostrou-se um método eficaz e uma estratégia produtiva para discutir a cultura midiática com jovens da rede pública. A contribuição deste trabalho está, no exercício de tentar desenvolver uma pedagogia “crítica”, na busca de um olhar ativo para a mídia que nos invade. Mas não no sentido de desenvolver técnicas de leitura estética para analisar as imagens que são veiculadas na mídia diariamente. É preciso estar atento para a complexa rede de relações e representações que as fotografias produzidas e veiculadas na mídia carregam. A partir daí, talvez seja possível iniciar os contornos de uma discussão sobre como estas imagens midiáticas operam na produção de representações e na constituição de nossas identidades como estudantes, professores, professoras e comunidade. Neste período contemporâneo em que as reflexões pós-modernas trazem à tona o questionamento dos limites e da gênese das certezas universais e imutáveis, é preciso também entender a mídia como aliada para uma nova compreensão, percebendo-a como um espaço de educação, criando temas escolares, produzindo subjetividades e identidades.

A proposta de levar a discussão da mídia e da cultura das imagens associada à cultura do consumo para a escola encontra, no uso das câmeras fotográficas, apoio para o desenvolvimento de uma alfabetização das imagens. Esse trabalho desenvolvido na interface da Comunicação e Educação resulta da troca de saberes entre o conhecimento dos acadêmicos e as experiências dos alunos, professores e comunidade. É o encontro entre a escola pública e a universidade. É nesse espaço que o acadêmico de Comunicação Social tem a oportunidade de colocar em prática os conteúdos vistos em sala de aula, além de expandir seus conhecimentos nos trabalhos produzidos. As câmeras fotográficas tornaram-se aliadas no processo de aprendizagem e, mediante a compreensão de suas técnicas, é possível estabelecer a comunicação visual, ou seja, os alunos começaram a redescobrir o bairro onde vivem. O uso da fotografia como uma prática educativa é algo que vem se intensificando com o tempo, e acredita-se que a utilização da imagem dentro das salas de aula possa ser cada vez mais compreendida como mais uma possibilidade para a produção e aquisição do conhecimento. O artigo aponta a pertinência de pensarmos acerca da linguagem utilizada pelos artefatos culturais que nos interpelam todos os dias. Nas palavras de Fischer (1999), ressaltamos a importância desta aproximação entre escola e mídia:

enquanto a escola ficar no papel tímido de espectadora ressentida de uma sociedade que se pauta pelo mercado e pelas imagens de sucesso individual, de culto narcísico do corpo, de ilusão de felicidade dada pelo consumo real e imaginário, estará apenas marcando seu lugar como ausente do seu tempo. (Fischer, 1999, p. 29)

Partido da necessidade de problematizar a relação escola cultura midiática, o estudo aponta a educação como um terreno com fronteiras de difícil demarcação, especialmente ao considerarmos o caráter produtivo da mídia. A proposta é trazer para discussão práticas pedagógicas como o uso da fotografia na escola. Na medida em que trazemos a fotografia como suporte de análise, criamos trabalhos específicos que intensificam, nos estudantes, suas competências interpretativas, bem como a produção e análise das imagens, estabelecendo-se comparações a partir dos conteúdos vistos. É nesse sentido que esta experiência busca introduzir a fotografia nas aulas do ensino fundamental como uma maneira de despertar nos alunos o interesse em aprender e relacionar os conteúdos de aula, os ensinamentos da mídia e o contexto local:

O trabalho com imagens tem grandes implicações cognitivas: aumenta a intensidade do olhar, mas também a qualidade da imaginação, reveladora da realidade semi-imaginária do homem. A descoberta do significado da imagem não existe independente do espectador e a cautelosa tarefa do professor consiste em não impor interpretações, mas em favorecer comparações e diálogos (Leite, 1996, p. 83).

As imagens apresentam-nos um convite ao conhecimento. Assim, pode-se dizer que a fotografia é uma importante ferramenta de estudo, na qual podemos encontrar traços culturais e históricos de nossas sociedades. Cabe esclarecer que as experiências analisadas neste estudo integram um projeto de extensão que desde 2002⁵ vem discutindo os ensinamentos midiáticos com as escolas públicas. As oficinas de Mídia e Educação foram criadas com a proposta de ampliar a visão dos alunos sobre o bairro onde vivem. Além de aprender as técnicas fotográficas, as crianças e jovens são incentivados a valorizar o seu bairro e o lugar em que moram. Em mais de uma década de trabalho, foram desenvolvidas diferentes experiências que oportunizaram que alunos da rede pública revelassem novos ângulos do seu bairro. Uma delas foi o projeto *Imagens do São José*, quando estudantes das escolas produziram *fanzines* com fotos e entrevistas feitas com moradores do bairro. No segundo ano, foram impressos cartões postais a partir da escolha da comunidade, por meio do voto popular, das imagens que deveriam representar o bairro. Outra experiência foi o resgate da história do bairro a partir do olhar das crianças e jovens, que produziram uma mostra fotográfica. Ainda outra iniciativa foi a mostra *Hortas Urbanas*, momento em que a equipe percorreu pequenas hortas produzidas pelos moradores e fez o registro fotográfico. No ano seguinte, foi a vez de percorrer o bairro para fotografar a matemática que está em

⁵ Projeto de extensão universitária Nosso Bairro em Pauta desenvolvido em parceria com a pesquisa institucional na Universidade Feevale. Uma descrição mais detalhada desta experiência em Brum e Schmidt, 2014. Ver referências.

cada esquina, em cada casa, em cada calçada. No último ano, a partir da arte dos retratos, os alunos fotografaram os colegas e os moradores do bairro. Para este artigo, o foco é descrever e analisar as experiências da relação da fotografia com a matemática e com a produção de retratos. O que pretendemos não é lançar uma “fórmula” ou uma estratégia mais perspicaz para analisar as fotografias. O objetivo foi colocar em discussão as narrativas que as fotografias estão criando e colocando em circulação sobre o bairro, a escola e a comunidade (Brum e Schmidt, 2014).

Matemática urbana

Estudar a matemática por meio da fotografia oportunizou que os alunos fossem os próprios produtores de seu conhecimento. O processo de ensino-aprendizagem envolveu o ato de fotografar a partir dos conhecimentos adquiridos em sala de aula; com as imagens, criavam-se diálogos, que emergiram como momentos de estudo. Mediante a produção das imagens, a professora conseguia estabelecer comparações com aquilo que é descrito em palavras sobre a “realidade” capturada pelos alunos. A fotografia mostrou-se como uma ferramenta para que os jovens desenvolvessem uma visão própria sobre seu bairro, sua realidade. A partir das contribuições da Fotoetnografia, a experiência foi denominada de *Fotografia e Matemática Urbana*. Dessa forma, o olhar da antropologia ajudou a construir esta proposta e a evidenciar a importância do domínio da técnica fotográfica para que os jovens das oficinas pudessem registrar o seu cotidiano: “sendo a fotografia um permanente ato de recortar e enquadrar elementos da realidade num plano – duas dimensões – se faz necessário um domínio técnico específico que venha a explicar os recortes desejados” (Achutti, 1997, p. 64). O autor lembra que o domínio técnico da câmera fotográfica é essencial para construirmos uma narrativa por meio de imagens e pode ser utilizado como ferramenta em estudos etnográficos. Nas primeiras oficinas, os alunos aprenderam a parte técnica da fotografia para que nas oficinas seguintes pudessem ter início as saídas de campo. No primeiro passeio com as câmeras fotográficas pelo bairro, os alunos tinham como tarefa fotografar o que era matemática para eles. Foi observado que, neste primeiro momento, os alunos clicavam antes mesmo de pensar ou planejar o propósito de suas fotografias. Esse contexto é discutido por Jobim (2002) em seus estudos sobre a discussão da pedagogia das imagens:

A experiência atual com as imagens, quer sejam fotográficas, cinematográficas ou televisivas, acontece na maioria das vezes de forma espontânea, intermitente,

fragmentada, enfim, de modo superficial. Com a proliferação das imagens a cada dia elas perdem mais a capacidade de dizer algo a alguém, pois também as pessoas que vivem essa dispersão perceptiva de modo permanente acabam por perder a sensibilidade de ver as coisas (Jobim, 2002, p. 63).

O encontro seguinte aconteceu na Universidade. Inicialmente, foi apresentado o vídeo “Geometria do Cotidiano”; em seguida, foi realizada uma análise coletiva das fotos da última oficina, com o intuito de ajudar os alunos a identificar os elementos matemáticos encontrados no meio social. Nessa avaliação, cada aluno teve que compartilhar com a turma o resultado de suas fotos. Os alunos foram desafiados a descrever a mensagem de sua fotografia a partir das questões técnicas que aprenderam na oficina anterior. O objetivo desse encontro foi analisar a narrativa presente nas fotografias e as leituras ou interpretações que podem ocorrer quando começamos a estabelecer a educação do olhar. Leite (1996) lembra-nos de que, dentro da pedagogia das imagens, há a base histórica e técnica da fotografia, essenciais para a leitura das fotografias:

A forma e o conteúdo estão associados na linguagem visual. Isso implica em dois elementos decisivos para a leitura da imagem. Uma base técnica e doses de criação artística. Para a leitura da fotografia, é preciso que se tenham noções de história da técnica fotográfica, assim como na iconografia, lições de pintura e litografia, que permitiram fixar e difundir as imagens de modo de vida que se supunham destinados a desaparecer (Leite, 1996, p. 84).

Essas reflexões, além de apontar possibilidades de se analisar uma imagem, contribuíram para retomar os conteúdos ensinados na oficina, que serviam de sustentação para análise das fotografias. Ao mesmo tempo em que os alunos analisavam as imagens, percebiam que a aprendizagem da matemática não se limita ao racionalismo de números ditos exatos, mas também está relacionada com o nosso cotidiano e a nossa cultura. A partir dessa oficina, os alunos começaram a enxergar a matemática no seu bairro e a relacioná-la com as formas geométricas. Com a descoberta da geometria viva no bairro, os alunos voltaram seus olhares na busca de três elementos importantes na matemática: quadrado, triângulo e círculo. Mais uma vez, perceberam e ficaram surpresos com o quanto a matemática e suas múltiplas formas estão presentes no nosso dia a dia. As formas geométricas foram observadas em construções, placas e anúncios, entre outros tantos lugares. Aqui surge a oportunidade de problematizar com o grupo a construção de nosso olhar quando somos subjetivados pela mídia todos os dias. As crianças clicaram as formas, respeitando as orientações técnicas, que são fundamentais na construção de uma narrativa

por imagens. É nesse sentido que Achutti (1997) nos ajuda a refletir sobre a importância de apropriarmos-nos tecnicamente de ferramentas para discutir a relação imagem, mídia e cultura: “hoje se procura pensar a imagem fotográfica como veículo, como meio eficaz de ajudar a fluírem idéias, sensações, discursos, com os mais diversos propósitos, que vão desde a publicidade à antropologia” (Achutti, 1997, p.78).

Considerando-se a importância de discutir a fotografia como instrumento de comunicação, tornou-se essencial que, dentro da proposta da oficina, os alunos compreendessem o papel da publicidade e como ela utiliza as imagens para construção e multiplicação de suas mensagens. Com o intuito de mostrar aos alunos as possibilidades de manipulação da imagem, o grupo foi levado para o estúdio fotográfico da Universidade, onde puderam compreender os processos de uma produção fotográfica publicitária. O grupo levou de casa objetos que remetessem às formas geométricas para serem fotografados com toda a aplicação da técnica, e foram desmistificadas as diferentes possibilidades de iluminação dentro de um estúdio. Foi uma oportunidade de discutir a potência da publicidade para construir uma forma hegemônica de olharmos para as relações na atual sociedade de consumidores. A produção fotográfica requer vários elementos técnicos para apresentar uma ideia, um conceito no seu processo de significação. Nas atividades dentro do estúdio, os alunos puderam trabalhar com diferentes tipos de iluminação, com o propósito de entenderem esse processo.

Aqui cabe lembrar que, em uma das oficinas no estúdio, os alunos trabalharam em grupos e criaram com o corpo as formas geométricas para serem fotografadas. O propósito dessa oficina era mostrar aos alunos que o corpo também é um elemento visual muito utilizado nas fotografias publicitárias. Os estudos de Garcia (2007) sobre a relação da imagem do corpo com a linguagem fotográfica colaboraram para ressignificar e ampliar esta possibilidade:

Quando o corpo em cena se espetaculariza, basta atinar os relevos que abraçam as linhas e contornam dorsos, pernas, braços, lábios. Há uma mensagem que fica impregnada de subjetividade com a força imanente do corpo que dita o mundo, sobretudo hoje. Da poética à estética, a impressão visual do corpo é resgatada pelo registro fotográfico. Diante do ato fotográfico, a imagem corpórea equaciona a vivacidade humana e potencializa um resultado (Garcia, 2007, p.1).

A união da matemática com a fotografia não foi apenas um modo de realizar o estudo das formas geométricas. A descoberta da geometria no cotidiano serviu para que os alunos tivessem uma maior aproximação com o bairro onde vivem. Ao observarem-se os elementos geométricos, conseqüentemente, observava-se o bairro. O foco nos pequenos detalhes propiciou a redescoberta do local onde os alunos moram, possibilitando uma valorização do bairro. O uso das câmeras fotográficas serviu como suporte para a observação e a compreensão das narrativas fotográficas a partir da educação do olhar. Esse exercício contribuiu para a formação dos jovens, colocando-os como consumidores críticos da mídia que nos cerca. Acredita-se que a fotografia se mostrou eficaz no processo metodológico, demonstrando à comunidade escolar maneiras criativas para o ensino; para os acadêmicos de Comunicação, foi um desafio repensar o status pedagógico da mídia que nos interpela todos os dias.

Retratos da nossa gente

Em outra experiência com outra turma da mesma escola pública, após a apropriação técnica da fotografia, iniciou-se a produção dos retratos, que foi dividida em dois momentos. O primeiro foi a produção dos retratos dos alunos, que também são moradores do bairro e ajudam a construir sua história. Além disso, a proposta era mostrar para os alunos outras possibilidades da fotografia, maneiras diferentes de se produzir uma imagem, nas quais os *flashes* passam a exercer papel principal. Com a possibilidade de se construir uma iluminação artificial, obtém-se um maior controle e precisão na estética que se deseja na fotografia. Segundo Guran (1999, p.35), “fotografia é luz, e, por conseguinte, sombra é o que dá volume e profundidade plástica a uma imagem. A intensidade, o tipo e a direção da luz são fatores determinantes para o resultado de uma foto”. Com isso em vista, os alunos foram levados para o estúdio fotográfico da Universidade para que pudessem compreender esses processos e ter uma nova experiência ao trabalharem com esses recursos.

Para exercitarem os tipos de iluminação que aprenderam, foram formadas duplas, e cada aluno deveria fazer um retrato do colega. Foram montados dois *sets*: um que possibilitasse a luz dura (iluminação *Low-Key*) e outro com a suave (iluminação *High-Key*). Assim, os alunos puderam ver as diferenças com a própria foto que produziram. Os alunos conseguiram perceber, ainda, algumas funções, tais como: abertura do diafragma,

velocidade do obturador e o ISO, configurações essenciais para uma boa exposição e, no caso de alguns retratos, conseguir o movimento congelado. Conforme Hurter (2011),

Uma fotografia é somente uma representação bidimensional, de uma realidade tridimensional, por isso, o objetivo do fotógrafo é produzir um retrato que mostre a circunferência e a forma do rosto humano. Isso é feito primeiramente com destaques (áreas que são iluminadas com fontes de luz) e sombras (áreas que não são). Assim como um escultor modela a argila para criar a ilusão de profundidade, a luz modela a forma do rosto para dar-lhe profundidade e forma (Hurter,2011, p.99).

Após a experiência dos retratos no estúdio, foi iniciada a segunda etapa, que era produzir retratos dos moradores do bairro. O desafio da produção dos retratos mostrou-se uma possibilidade de promover novos olhares para o local onde os estudantes vivem. As saídas contribuíram para um olhar mais engajado com a sua comunidade. Durante semanas, foram fotografados moradores, comerciantes, artesões, estudantes, entre tantas pessoas que constituem o cenário do bairro Vila Nova. Em cada retrato, emergia uma nova história, um novo jeito, uma nova personalidade, características percebidas diferentemente por cada criança, com seu olhar e as noções estéticas aprendidas na oficina. Conforme Hurter (2011, p.19), “um bom retrato fornece informações a respeito do ‘eu’ da pessoa. Através da iluminação controlada, da pose e da composição, o fotógrafo se empenha ao máximo para capturar a essência do modelo, de uma só vez registrando sua personalidade”.

A união dos retratos ao planejamento contribuiu significativamente para ampliar a proposta porque fotografar os moradores pode ser considerado uma via de mão dupla. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que foram descobertas pessoas do bairro, eram revelados outros ângulos do bairro e novas possibilidades de enxergá-lo.

Há mais de quinhentos anos que os estudos do homem vivem sob a hegemonia da verbalidade, da escrita em especial. Não tenho certeza que os filhos de nossos filhos saberão ler e escrever como sabemos fazê-lo. Eu sei, desde já, que o adolescente informatizado não olha o mundo da mesma maneira que eu o descobria há quarenta anos. Uma coisa é certa: os homens de amanhã enunciarão e organizá-lo-ão a partir de outros parâmetros lógicos, gerados pelos novos suportes comunicacionais que continuarão esculpindo (Samain, 1995, p. 9).

Temos aqui a oportunidade de problematizar com o grupo a construção do nosso olhar quando somos subjetivados pela mídia todos os dias. As crianças produziram os retratos, respeitando as orientações técnicas fundamentais na construção de uma narrativa por imagens. A seguir, compartilhamos o depoimento de algumas crianças sobre a experiência com os retratos:

Eu cuidava o fundo da foto, para ser um lugar bonito e a foto ficar mais bonita. Eu gostei de passear pelo bairro, eu nunca tinha feito isso, foi legal. Eu fotografiei minha vó, estava ali no xis do meu tio, porque estava pegando fritas, daí eu encontrei ela, e a professora disse que podia tirar uma foto dela. Fiz a foto da cintura para cima e cuidei o fundo. Ela disse que achou bem legal. (Aluno A)

O que mais gostei foi tirar fotos dos moradores, porque a gente tirou fotos de um monte pessoas que eu conheço. Eu lembro que a gente foi lá em casa fotografar minha vó, foi legal e fiquei envergonhado, até ela ficou, mas fez a foto. Eu cuidei para a câmera não ficar balançado, não mexer as mãos, para ficar certinha a foto. Fiz ela da cintura para cima. Achei legal entrar no estúdio de fotografia. A gente tirou um monte de fotos lá dentro. A gente usou tipo um guarda-chuva e um painel branco, pode deixar as fotos mais claras e escolher o tom. (Aluno B)

A gente aprendeu a tirar fotos no plano americano, só rosto e enfeite. Essa parte eu gostei, porque a gente aprendeu mais sobre fotografia, e podemos usar isso em outros lugares, como no casamento da minha dinda. Eu gostava de fotografar o enfeite, porque a gente vê uma coisa de bonito que a pessoa tem. A oficina, além de ajudar minha vida, me fez aprender novas coisas além de só ficar na escola. Cada foto no estúdio tinha uma coisa sobre um significado diferente. A luz mais escura foi que mais gostei, me dava um pouco de medo, e na mais clara me sentia livre. Quando nós íamos fotografar os moradores, eles pediam para se arrumar, e, na hora de fotografar, eu me preocupava com os detalhes que eles tinham. (Aluno C)

Os depoimentos das crianças sobre a experiência na produção dos retratos dos colegas e dos moradores demonstram a importância de investir em projetos que levem a fotografia para o contexto escolar. Da mesma forma, os depoimentos dos moradores do bairro sobre a experiência de terem sido retratados pelas crianças expressam a produtividade do encontro de gerações por meio da fotografia. Uma oportunidade para a troca de saberes e a valorização do conhecimento, da experiência dos moradores do bairro:

Desde criança, eu gostava de flores, sempre gostei. Um dia desses, pensei assim para mim: ah, eu vou vender flores, porque daí plantava e vendia. Comprei minhas primeiras mudinhas em Porto Alegre, onde minha amiga Clarisse comprava. Tinha muitas flores, e fiquei buscando lá por 15 anos. Moro há 53 anos no bairro, e meu marido, há 73. O dia em que as crianças vieram aqui, eu mostrei para elas as flores, e elas escolheram algumas para eu segurar na janela. Foi bem legal, foi bom as crianças terem vindo aqui. Elas já vinham antes, às vezes, quando eu estava de aniversário, vinham cantar parabéns para mim, só que elas queriam torta, mas eu não tinha feito ainda. Me senti bem em ser fotografada pelas crianças, meio envergonhada. Eu queria ter me arrumado, mas não cheguei a me arrumar, fiquei como eu estava. Sempre é bom mostrar alguma coisa do bairro (Moradora do Bairro, 72 anos).

Eu gosto de crianças e dessas atividades. Sou moradora do bairro há 42 anos, minha filha tinha 18 anos quando vim morar aqui. No início, as ruas eram cheias de valos e barro, não se tinha asfalto. Onde é a Feevale hoje, era só mato. Tinha, também, o campo do Vila Nova, que hoje não existe mais. No dia da foto, eu estava sentada na frente de casa, e alguém me chamou, então, entrou aquela turminha de

crianças pelo portão. Nós conversamos, as crianças conversaram. Tinha umas três crianças paradas perto de mim que me posicionaram e fizeram a foto. Eu fiquei contente naquele dia, muito feliz pelas crianças terem vindo à minha casa. Achei bacana e fiquei pensando quantos moradores vão fazer isso nas suas casas. Bonito eles quererem conhecer a história dos moradores, assim as coisas não ficam paradas (Moradora do bairro, 80 anos).

Outro depoimento é da professora responsável pela turma e contribui para registrar o envolvimento que os alunos tiveram com a oficina e a importância da discussão da mídia, da fotografia e das vivências na comunidade como práticas de ensino:

O dia da oficina era lembrado pela turma no dia anterior, portanto, era um momento muito esperado. O linguajar mais técnico da fotografia em si passou a fazer parte das conversas das aulas, onde exemplificavam os conteúdos desenvolvidos em aula com o mesmo. Passei a perceber uma maior preocupação e cuidado com o bairro em si. As crianças começaram a ver os “detalhes” do mesmo, assim como foram levados a ver os detalhes nos moradores ao fotografá-los. Com isso, se tornaram mais críticas, trazendo a vivência das saídas, caminhadas e conversas com os moradores nos diferentes assuntos discutidos nos momentos de sala de aula. As caminhadas pela comunidade trouxeram um olhar sobre os colegas e, conseqüentemente, um entendimento sobre diferentes pontos. Entrar no estúdio, presenciar todos os equipamentos serem montados e ajustados para que eles fossem fotografar os encantou. Queria saber para que cada equipamento servia e quando usariam. Depois, ficaram maravilhados ao verem suas produções (Professora A).

O desenvolvimento dessa experiência oportunizou a construção de um novo olhar para a comunidade. Foi por intermédio dos retratos dos moradores que os alunos ampliaram a possibilidade de lidar com essa proliferação fotográfica em que vivemos e que está operante na cultura visual associada à cultura do consumo. A imagem passa a não ter sentido se não é compreendida, e é aí que as regras comunicacionais advindas dos suportes de produção fotográfica nos alfabetizam para a leitura das imagens. A partir desse trabalho, os jovens estão desenvolvendo possibilidades de uma nova leitura da mídia, ampliando a compreensão de seu processo de construção. A educação estética, mediante a técnica fotográfica, sendo a fotografia um dos principais produtos da cultura midiática na contemporaneidade, propiciou a leitura de imagens e a redescoberta de seus ângulos e enquadramentos para sua realidade. Quando nos voltamos para uma fotografia, observamos um recorte do tempo.

Considerações

A partir deste trabalho, os jovens estão desenvolvendo possibilidades de uma nova leitura da mídia e ampliando a compreensão de seu processo de construção. Antes de finalizar, consideramos importante compartilhar alguns dos depoimentos de alunos e professoras envolvidas no projeto. O primeiro depoimento demonstra o significado que teve o projeto para esse grupo de jovens da rede pública. O segundo e o terceiro depoimento são das professoras responsáveis pelas turmas e registram o quanto o trabalho contribuiu para que os alunos fossem efetivamente agentes da construção de seu conhecimento:

Trouxemos objetos de casa, então, com isso, trabalhamos a percepção de formas geométricas que encontramos em nossa casa e que não percebíamos antes. A sensação de pegar uma máquina profissional na mão é ótima, aquela sensação de empolgação, nos faz querer aprender mais e mais. Achei muito legal termos saído para fotografar formas geométricas no bairro, pois saímos da escola, mas mesmo assim continuávamos a aprender. Agora eu vejo e percebo mais as formas geométricas. (Aluna D)

Aliar a fotografia à matemática foi uma experiência que permitiu aos alunos serem mais ativos nas aulas, serem mais responsáveis pela construção do seu conhecimento. A sala de aula passou a ser as ruas do bairro, num ambiente amplo, livre, deixar o aluno explorar os conhecimentos, construir novos saberes através do olhar das lentes de uma máquina fotográfica, a matemática num contexto vivo. (Professora B)

Foi muito bom realizar esta atividade dos retratos, trouxe um ‘tempero’ especial às aulas. Ainda mais esta, que trabalhou tanto o novo (fotografia) quanto o conhecido (a sua comunidade e as pessoas que nela vivem: seus amigos, vizinhos, ex-alunos da sua escola, familiares). Este momento foi muito importante para eles, pois eram eles que nos conduziam pelas ruas da comunidade: espaço deles. (Professora A)

É preciso destacar que o resultado deste trabalho serviu de significativo aprendizado, sobretudo para os acadêmicos de Comunicação envolvidos na construção da proposta. Além de contribuir na formação acadêmica, traz um impacto de forma peculiar, pois reforça a importância da experiência da extensão aliada à pesquisa na área da Comunicação Social. Uma oportunidade para sensibilizar os futuros produtores de artefatos midiáticos (publicitários e jornalistas) com o compromisso dos profissionais da área em discutir ou problematizar questões contemporâneas relacionadas com a cultura da mídia, sintonizada com a cultura do consumo do nosso tempo. Nas palavras de Achutti (1997, p. 28) temos mais uma vez evidenciada a necessidade de aproximar o campo da Comunicação e da Educação para construir estratégias que oportunizem a discussão e produção de imagens: “se vivemos em um mundo visual, no qual somos bombardeados por ícones novos

a cada dia, se as diferentes culturas impõem, umas às outras, verdadeiras guerras visuais, se as guerras verdadeiras passam a ter o visual de meras brincadeiras, como olhar somente para as palavras?”. Neste sentido, a importância que as imagens midiáticas têm assumido em nosso cotidiano provocou certa inquietação em nossas práticas educativas, despertando o desejo de discutir o papel que as fotografias como artefatos culturais têm desempenhado na constituição de identidades culturais. O ato de fotografar nos dá a possibilidade de ver por outro ângulo, nos tira da zona de conforto e nos faz querer ver o que outras pessoas não viram. A partir das discussões deste estudo podemos afirmar que o uso da mídia e da fotografia no campo da Educação abriu novas possibilidades de ver o a relação escola, mídia, consumo e produção de imagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BRUM, Alisson e SCHMIDT, Saraí. **Fotografando a Matemática no Bairro: Um Estudo Sobre Comunicação e Educação**. Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Foz do Iguaçu, 2014.
- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia, Um estudo de Antropologia Visual sobre cotidiano, lixo e trabalho**. Livraria Palmarinca/Tomo Editorial Porto Alegre, 1997.
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Ed. Arquipélago Editorial, 2006.
- DREIFUSS, René. Tecnobergs globais, mundialização e planetarização. In: MORAES, Denis de. **Por uma outra comunicação**. São Paulo: Ed. Record, 2003.
- FISCHER, Rosa Maria B. **Identidade, Cultura e Mídia: a complexidade de novas questões educacionais na contemporaneidade**. In: SILVA, Luis Heron (org.) *Século XXI. Qual conhecimento? Qual currículo?* Petrópolis: Vozes, 1999.
- GARCIA, Wilton. **O corpo na fotografia: anotações**. In: *Fotografia Contemporânea*. 2007.
- GURAN, M. **Linguagem fotográfica e informação**. Rio de Janeiro: Rio Fundo. 1992
- JOBIM, Solange. **Fotografar e Narrar: A produção do conhecimento no contexto da escola**. Faculdade de educação da universidade do Rio de Janeiro. 2002
- LEITE, Mirian Lifchitz Moreira. **Imagem e Educação**. Em: Seminário “Pedagogia da imagem, imagem na pedagogia” (1995. Niterói, RJ) Universidade Federal Fluminense, 1996.

SCHMIDT, Saraí. **A educação em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. **Aprendendo a ler nas lentes do jornal**. 23ª Reunião Anual da Associação de Programas de Pós-Graduação em Educação. Caxambu. Minas Gerais, 24 a 28 de setembro de 2000.